

ZERUYA SHALEV

DOR

«A Madame Bovary
dos tempos de terror.»

Le Magazine Littéraire

ELSINORE

Para Vered Slonim-Nevo

CAPÍTULO I

Ei-la que volta, e apesar de há anos a esperar, fica surpreendida, volta como se nunca a tivesse largado, como se não tivesse passado um único dia sem ela, um único mês, um único ano, e, todavia, haviam decorrido precisamente dez anos desde então. Foi Miki que perguntou, «lembras-te de que dia é hoje?», como se se tratasse de um aniversário de nascimento ou de casamento, e ela procurou recordar — tinham-se casado no inverno, tinham-se conhecido no inverno anterior, os filhos nasceram no inverno, nada de importante lhes acontecera no verão, apesar da sua duração propícia a inúmeros acontecimentos — mas quando Miki baixou os olhos para as ancas dela, que, para seu descontentamento, tinham alargado desde então, a dor voltou repentinamente e ela lembrou-se.

Ou será que se lembrou primeiro e a dor voltou depois? Porque nunca esquecera, de modo que não se tratava de recordação, mas de imersão total naquele momento incandescente, na fratura cada vez mais escancarada, no turbilhão fantasmagórico do susto, a suspensão solene do silêncio: os pássaros não piaram, as aves não voaram, os bois não mugiram, os serafins não disseram «santo, santo», o mar não se encapelou, as pessoas não falaram, o mundo ficou imóvel e mudo.

Depois percebeu que estava tudo lá exceto o silêncio, e, no entanto, só o silêncio ficou gravado na sua memória: anjos mudos

que vêm ter com ela, cobrindo em silêncio as suas feridas, membros amputados a arder imóveis enquanto os donos observam com as bocas seladas, ambulâncias brancas a acelerar sem som pelas ruas, eis uma maca alada que esvoaça para ela, eis que a levantam em braços e a pousam nela, e é no momento em que se separa do asfalto ardente que nasce a dor.

Deu à luz dois filhos e, no entanto, não a reconheceu quando ela se revelou em toda a sua intensidade, trespassando o âmago do seu corpo, serrando os ossos e pulverizando-os, esmagando músculos, arrancando tendões, calcando tecidos, rasgando nervos, violentando a argamassa interior a que nunca dera importância, a matéria de que é feita a pessoa. Porque só os órgãos acima do pescoço a interessavam, o crânio e o cérebro nele encerrado, a consciência e a inteligência, o conhecimento e o discernimento, o livre-arbítrio, a identidade, a memória, e agora nada mais tem para além dela, nada mais para além dela, para além da dor.

«O que aconteceu?», perguntou ele e ficou logo envergonhado, «que idiota, não devia ter-te recordado», e ela encostou-se à parede junto da porta — iam sair de casa, cada um para o seu trabalho — e procurou indicar com os olhos as cadeiras da cozinha, ele dirigiu-se rapidamente para lá e voltou com um copo de água que ela não conseguiu segurar na mão que deslizava na parede.

«Uma cadeira», murmurou ela, e ele trouxe uma, mas para sua surpresa sentou-se nela com todo o seu peso, como se tivesse sido ele quem tivesse sido surpreendido pela dor, como se tivesse sido ele quem estava lá naquela manhã, há precisamente dez anos, quando o tremendo impacto da explosão no autocarro ao lado a projetou para fora do carro atirando-a para o asfalto. E, de facto, se não tivesse sido as mudanças de última hora, teria sido ele quem lá estaria em vez dela, a pairar no ar incandescente como um enorme asteroide, antes de aterrar com estrondo entre os cadáveres a arder.

Sim, por que razão não foi ele quem levou as crianças à escola como todos os dias? Ela lembra-se de um telefonema urgente do escritório, um problema informático, o sistema que se foi abaixo. Apesar disso, tencionava levá-los à escola, mas Omer ainda não se vestira, estava aos saltos em pijama na cama de casal, e ela queria evitar choros e censuras. «Deixa lá, eu levo-os», propôs, o que obviamente não evitou a discussão matinal da praxe com Omer, que se fechara à chave na casa de banho e recusava sair, e as lágrimas de Alma novamente atrasada por causa dele, e quando ela, exausta, se separou deles no portão da escola e acelerou pela rua barulhenta acima, ultrapassando o autocarro na paragem, ecoou aos seus ouvidos o som mais terrível que jamais ouvira seguido de silêncio absoluto.

Mas não foi a violência do estrondo — a erupção quase vulcânica de material explosivo, parafusos, pregos e porcas, misturados com veneno de ratos para aumentar a hemorragia — que soou aos seus ouvidos, mas outro som, mais profundo e terrível, o do súbito adeus à vida de dezenas de viajantes do autocarro, os lamentos das mães que deixavam filhos órfãos, o grito das raparigas que nunca seriam adultas, o choro das crianças que não mais voltariam a suas casas, dos homens separando-se das mulheres, o lamento dos membros despedaçados, da pele queimada, das pernas que não mais andariam, dos braços que nunca mais abraçariam, da beleza que murcharia nas cinzas, é aquele lamento que ela ouve agora outra vez, e tapa os ouvidos com as mãos ao cair pesadamente de joelhos.

«Oh, Iris», diz ele, abraçando-a, «pensava que esse pesadelo já estava ultrapassado», ela tenta libertar-se do abraço dele e murmura com os lábios crispados, «já vai passar, devo ter dado um mau jeito, tomo um comprimido e vou para o trabalho», mas eis que aquilo recomeça, como naquela altura, cada movimento

decompõe-se em dezenas de pequenos movimentos, cada um mais doloroso do que o anterior, a tal ponto que até ela própria, sempre tão contida, o que lhe valeu a fama de diretora forte e autoritária, solta um pesado suspiro.

Mas nas costas dela, depois do suspiro que a ela própria surpreende, irrompe um riso forte, intempestivo, e ambos voltam a cabeça para trás, para o fundo do corredor, onde o filho se encontra à porta do quarto, alto e magro, sacudindo a trunfa de cabelos que rodeia as têmporas rapadas, a relinchar alegremente como um cavalo, «olá, o que vos deu, mãpá? Porque é que estão aí sentados em cima um do outro? Tencionam fazer-me um mano mais novo?».

«Não tem graça nenhuma, Omer», resmunga, embora a cena seja ridícula mesmo para ela, «recomecei a ter dores no sítio da ferida, e tive de me sentar». Ele aproxima-se devagar, quase a dançar, movendo com graça o corpo esbelto com os *boxers* sara-pintados. Como foi possível que o acasalamento deles produzisse um corpo tão perfeito? «Tudo bem, senta-te como quiseres», diz ele a rir, «mas porquê em cima do pai? E porque é que o pai também precisa de se sentar? Também tem dores?».

«Quando amamos alguém, sentimos a sua dor», responde Miki no tom didático que Omer odeia, e ela também, um tom no qual a ofensa pela previsível ironia do filho está implícita, e ela diz, «traz-me um comprimido, Omer, ou antes dois, estão na gaveta da cozinha», e ao engolir os analgésicos tem a impressão de que conseguirá vencer definitivamente a dor pela força da sua determinação, de que o seu sofrimento desaparecerá para sempre. As dores não voltam assim sem mais nem menos com tal intensidade, é coisa que não cabe na cabeça de ninguém. Porque foi tudo tratado, unido, cosido, aparafusado, implantado em três operações diferentes ao longo de um ano de hospitalização. Dez anos passaram e ela habituou-se a viver com as dores nas

mudanças de estação ou depois de um esforço, nunca mais voltou a ter a descontração física anterior ao acidente, mas por outro lado também não esperava um novo ataque como este, como se naquela manhã tudo recomeçasse a acontecer. «Ajuda-me a levantar-me, Omer», e ele aproxima-se ainda divertido, estende-lhe um braço magro e vigoroso, e ei-la de pé, apesar de encostada à parede. Mas não desiste. Vai sair de casa, chegar ao carro, conduzir até à escola, dirigir as reuniões de forma eficiente, ir aos encontros, entrevistar os professores novos, receber a inspetora, ficar para ver o que se passa no ATL, responder aos e-mails e aos SMS acumulados, e só no regresso, à tarde, ao conduzir com os lábios contraídos de dor, terá disponibilidade para pensar sobre o facto de Miki ter ficado sentado na cadeira da cozinha ao lado da porta, com a cabeça entre as mãos, mesmo depois de ela ter saído, ou mais precisamente fugido, deixando-lhe a dor, ficou lá sentado como se fosse a bacia dele que tivesse sido fraturada naquela manhã, há justamente dez anos, ele cuja vida tivesse sido interrompida.

Encurralada no meio das dezenas de automóveis que avançam a passo de caracol no trânsito de regresso a casa, recorda que ele chegara à sua cama de hospital nos cuidados intensivos, a arfar, com um ar envergonhado. Não fora o primeiro a chegar, alguns familiares mais afastados tinham chegado primeiro porque o boato se espalhou rapidamente. As visitas tinham-se apresentado numa ordem inversa, das menos conhecidas às mais próximas, Omer de sete anos e Alma de onze, trazidos pela amiga Dafna, chegaram um momento antes de ela ser levada para a sala de operações, e quando os viu aproximarem-se lembrou-se com horror de que eram os únicos que se esquecera de informar. Conseguira deixar uma mensagem no telemóvel de Miki e em casa da mãe, premindo as teclas com os dedos a sangrar e limpando

o sangue com a blusa, mas esquecera de contactar a escola dos filhos, e verdade seja dita que ao longo das horas que passaram até que os viu aproximarem-se da cama a medo, de mãos dadas, esquecera totalmente a existência deles, esquecera que aquela mulher que por momentos pairara sobre a rua em fogo antes de aterrar na estrada era mãe de filhos.

No primeiro momento chegou mesmo a ter dificuldade em reconhecer aquela parelha esquisita que se aproximava dela, um rapaz alto e uma menina pequena. Ele claro, ela escura, ele agitado, ela muda, dois opostos a avançarem lado a lado, devagar e de cabeça baixa, como se se preparassem para colocar um ramo invisível no túmulo dela, queria fugir deles, mas estava paralisada na cama, de modo que fechou os olhos até que os ouviu gritar a duas vozes: «Mamã!», obrigando-a a recompor-se imediatamente, «tive muita sorte», balbuciou para eles, «podia ter sido muito pior».

«Podes mostrar-lhes que sofres», dissera-lhe mais tarde um dos médicos. «Não vale a pena fingir. Deixa-os ajudarem-te, assim também os ajudas a encararem as suas próprias dificuldades.» Mas ela não era capaz de se expor diante deles na sua fraqueza, de modo que não conseguiu suportar a sua presença durante muitos meses, até se restabelecer.

«Tudo por causa do Omer», lembra-se de Alma ter declarado calmamente, quase com indiferença, como quem menciona um facto evidente. «Se ele não se tivesse escondido no WC, tínhamos saído mais cedo de casa e tu não estarias lá quando o autocarro explodisse», e Omer começou a berrar, a dar pontapés à irmã e a protestar, «não é verdade! Foi por tua culpa! Porque querias que a mãe te fizesse o rabo de cavalo!». E quando Miki tentou agarrá-lo e acalmá-lo, o miúdo apontou para ele e declarou, com a mesma desconfiança que sempre existira entre eles, «tudo por tua causa!».

E talvez tenham continuado a acusar-se mutuamente, como se se tratasse de um incidente ocorrido no círculo familiar fechado, e não de um acontecimento nacionalista programado e realizado por terroristas, que desconheciam totalmente a sua pequena família, mas ela já tinha sido levada dali, para aquele alheamento aterrador das longas horas de operação, e para o que se seguiu, os meses de reabilitação e convalescença, e a nomeação que a esperava no final como um prémio. Sabia que havia quem dissesse que, não fosse o acidente, não teria sido nomeada diretora de escola numa idade tão jovem, e ela própria também pensara nisso, mas a sobrecarga de trabalho não lhe permitia ter pensamentos fúteis. Dez anos inteiros passaram por ela sem pensamentos fúteis, e no momento em que estaciona o carro e avança com passos vacilantes para casa, tem a impressão de que só agora despertou daquela operação que durou dez anos, e só agora, com a experiência que acumulou, pode dar a sua opinião sobre a questão que os filhos levantaram então e decidir finalmente quem foi de facto o culpado.

CAPÍTULO II

O elevador que se abre dentro da sala provoca uma sensação estranha de vão de escadas, dando a cada entrada um toque dramático, e esta noite também quando as portas de aço se afastam e ela entra em casa, sente-se por momentos uma visita, uma visita não convidada que se enganou no dia ou na hora, pois ninguém a espera, de modo que examina com desconforto a ampla sala. Tinham-se afastado do centro da cidade a fim de ganhar mais uns metros quadrados, um quarto para cada filho, um quarto de dormir grande com um canto de trabalho, num edifício banal num bairro novo desprovido de encanto, e embora a privacidade tivesse sido beneficiada, não tinham conseguido preencher o espaço comum, e quando agora examina a sala, o sofá grande e o pequeno, os dois cadeirões e a mesa de apoio no meio, as janelas que deixam entrar uma paisagem urbana com partículas de poeira do deserto, a cozinha clara e limpa, os dois tachos no fogão reluzente, pergunta-se se naquela casa vivem pessoas reais, porque subitamente lhe parece vazia e lhe falta o principal.

Nunca se interessou pelas questões de decoração, e Miki também não — basta-lhes que seja agradável e confortável, e que o ambiente inspire tranquilidade. De qualquer modo voltam tarde e, depois do jantar com as crianças, ainda fica sentada durante horas ao computador a escrever e-mails para os

professores, os pais, a resolver conflitos, a marcar encontros e reuniões, a planejar o seu discurso semanal, por isso que diferença faz um pavimento assim ou assado, uns estofos assim ou assado, o principal é que haja lugar para descansar o corpo cansado.

A porta do quarto de Omer abre-se e ela esboça um sorriso forçado, mas não é ele quem emerge de lá, antes uma jovem magra de cabelo ruivo, t-shirt justa e tanga, que corre envergonhada para a casa de banho, e Iris segue as ancas flexíveis com um suspiro de alívio. Quanta apreensão com o crescimento de Omer, mas afinal parece que era infundada, esta rapariga é mais uma prova disso, e quando ela sai procura reconhecer a cara dela por trás da cortina do cabelo comprido, saber se já a vira antes. Nos últimos meses, quando o vai acordar de manhã, surge de vez em quando uma rapariga de dentro da cama, mesmo que ela tenha visto com os próprios olhos que ele fora deitar-se sozinho, como se tivesse espigado durante a noite.

É com satisfação que acompanha os passos dela engolidos pelo quarto de Omer, e vira para a cozinha. Tem de comer alguma coisa, nem que seja apenas para poder engolir mais um comprimido. Nos tachos a fumegar esperam-na arroz e lentilhas cor de laranja como os cabelos da rapariga. Ultimamente pede à empregada que cozinhe para eles de vez em quando. Omer está sempre esfomeado, e ninguém tem forças para ficar de pé a cozinhar depois do trabalho. Que prazer encontrar em cima do fogão dois tachos cheios, libertar-se do frete sem fim de ter de cozinhar, mas desde que a comida se tornou mais fácil de obter, parece que o seu sabor mudou e que se intensificou aquela vaga sensação de estranheza, como se aquilo fosse um restaurante de operários modesto, um hotel qualquer, tudo menos casa.

Que disparates, diz ela a rir, que disparates fervilham na sua cabeça desde esta manhã, como o lixo no vento do deserto.

É uma casa, não é uma casa, que diferença faz? O principal é que eles não tenham fome, que haja um teto, que haja trabalho, que os filhos estejam mais ou menos bem, desde que aquela tortura a largue, e volta a engolir mais dois comprimidos para afastar as guinadas de dor. Contrações que vêm cada um ou dois minutos, que lhe cingem o corpo, dilaceram a bacia osso a osso e ela estende-se no sofá com um suspiro pesado. Um vento quente a ameaçar o início do verão sopra dentro de casa, mas ela tem tanto frio que os ossos parecem desfazer-se debaixo da pele. Tem a sensação de que os fragmentos de osso se vão espalhar com o vento, e talvez então a dor passe. Está pronta a renunciar a eles, e não apenas a eles, mas a todos os órgãos que lhe doem, desde que a dor passe, e que o seu corpo se esvazie aos poucos. Não pode permitir-se parar, tem de escrever mensagens, de resolver conflitos, vai levantar-se e arrastar-se para o escritório, sentar-se frente ao computador, «cingir as ancas»¹, e reflete sobre esta expressão aparentemente criada para ela, porque é aí mesmo que começa a dor, nas ancas que já foram estreitas como as da rapariga que está agora a entrar na cozinha, enfiada sabe-se lá porquê nos *boxers* coloridos de Omer, será que ele vai aparecer com as cuecas dela?

Através das pestanas cerradas espreita-o com uma desconfiança antiga, fora sempre tão inesperado. «Sua excelência a diretora!», diz-lhe saudando e ela repara com alívio que ele veste calções de ginástica, e que está de ótima disposição, se algum coração se partir aqui não será certamente o dele, e espia-os enquanto comem frente a frente, enchendo e voltando a encher os pratos. «Que bom!», murmuram com a boca cheia, como quem se elogia mutuamente, a mastigar e a rir, e ela admira-se por

¹ Expressão baseada em I Reis, 18-46, que pode traduzir-se por «encher-se de força e coragem». Todas as notas são da tradutora.

falarem tão pouco. Será que é a presença dela que os emudece, ou será que não precisam de palavras para se sentirem próximos?

São tão diferentes do que nós éramos, pensa. Eu tinha precisamente a idade de Omer agora, e Eytan era pouco mais velho do que ele, e não parávamos de falar, mas ríamos tão pouco. Não havia muito de que rir então, com a mãe dele a morrer, e Eytan, como filho único, tratava dela com desvelo, passava horas à sua cabeceira no hospital e de lá ia para casa dela, alto e magro, os olhos claros a brilharem com um espanto triste, e ela dava-lhe de comer, consolava-o, tranquilizava-o com o seu amor.

Que percebem eles, revolta-se, observando com um ódio súbito o filho e a amiga a mastigarem frente a frente e a rir, vasculham o frigorífico e voltam para a mesa com mais alguma coisa gostosa, «gostosa mesmo», repetem, com os dedos entrelaçados, e Iris desvia o olhar. Porque é que aquela visão alegre lhe provoca uma tal náusea? Mas talvez não haja relação, porque a náusea acompanha-a desde esta manhã. Era o que faltava ter ciúmes do filho, pelo contrário, está profundamente grata por lhe terem sido poupados os sofrimentos de Eytan, e os seus próprios depois de ele a deixar, pois mal terminaram os sete dias de luto pela mãe, depois de a última visita de condolências ter saído de casa e ainda antes de irem à sua sepultura, ele informou-a com naturalidade e frieza, como se tivesse planeado tudo previamente, que tencionava começar uma nova vida, uma vida sem dor, da qual ela não fazia parte.

«Não é pessoal, Irisinha», acrescentou magnanimamente, «estou simplesmente farto deste peso», como se fosse ela a culpada, quando a única coisa que queria era aliviá-lo. «Peço-te que me entendas, eu ainda não tenho dezoito anos, e quero viver», dissera, «quero esquecer este ano horrível, e tu és parte dele», aquilo foi um choque para ela, anos depois ainda estremecia

sempre que se lembrava dele, da forma como os maxilares se moviam sem parar por baixo das faces lisas.

«Não posso crer, castigas-me por eu ter estado a teu lado, por te ter apoiado durante todos estes anos?», murmurou chocada, ao que ele respondeu, «não é um castigo, Iris, é uma coisa inevitável. Se te tivesse encontrado agora, seria completamente diferente. De certeza que me apaixonaria por ti, e estaríamos juntos, mas encontrámo-nos cedo demais. Talvez um dia tenhamos outra oportunidade, mas agora tenho de me salvar».

«Salvar-te de mim?», perguntou, surpreendida, «mas o que te fiz eu?». Ele agarrou-lhe as mãos, por momentos pareceu compadecer-se dela, partilhar a sua tristeza por aquela inevitabilidade, mas retirou logo a compaixão e as mãos, facto que ela nunca lhe perdoou, a Eytan Rozenfeld, o seu primeiro amor e, em certa medida, também o último, pois desde então nunca mais conseguira ter aquele sentimento absoluto e incondicional. Até hoje não lhe perdoou a indiferença por ela e pelo seu amor, e a separação cruel a que os condenou, pois embora esta fosse inevitável para ele, ele devia ter-se condoído ao lado dela em vez de abandoná-la daquela maneira, sozinha, com o veredito que lhe impôs, sozinha com a perda do gosto e da finalidade de viver, da esperança, da fé, da juventude, uma perda que para ela se comparava à perda da mãe para ele, e de que só a muito custo recuperou.

«O que se passa contigo, mãezinha?», pergunta Omer aproximando-se dela. Deve ter soltado um gemido sem se dar conta. «Porque é que estás aí deitada como uma couve? Há alguma greve de que não ouvi falar?» Tem um torso estreito e alongado, compacto e liso, e ainda é quase imberbe, como Eytan era. «É uma greve pessoal», diz ela, «tenho muitas dores, traz-me um comprimido da gaveta e um copo de água, Omer», pede-lhe, porque

se as dores cessarem, cessará igualmente a recordação. Durante anos não se permitia pensar em Eytan, nem estender-se daquela maneira no sofá sem fazer nada, e eis que, sem ela dar por isso, o filho está quase a atingir a idade dele, e a amiga espreita-a com aquele olhar curioso com que ela olhou a mãe dele, quando a viu pela primeira vez, deitada no sofá, na sala do pequeno apartamento deles.

Ele era filho único de mãe solteira com um único seio. Quando era criança, a mãe adoeceu e foi operada, e ela lembra-se da admiração que se espelhou nos olhos dele ao ver a simetria exata do peito dela quando a despiu pela primeira vez. Lembra-se igualmente de espreitar disfarçadamente o decote da camisa do velho pijama da mãe quando se sentava ao lado dele junto da cama dela no hospital. A cratera com cicatrizes que se descobria quando ela se inclinava para eles não se parecia com nada que jamais tivesse visto, tal como o grande crânio lunar a oscilar em cima do pescoço fino. Gostava de estar lá com ele, de acariciar a sua mão livre, enquanto a outra agarrava a mão da mãe. Gostava do silêncio que reinava naquele serviço, um silêncio sagrado de luta titânica, de esperança de milagres, de vidas que se desfaziam camada após camada até não restar delas senão o núcleo interior nu e trémulo, o pêndulo oco que recusa separar-se, a essência do ser. Via-se a andar com ele para trás e para diante numa floresta de árvores da vida que definhavam e morriam pouco a pouco, como poderia imaginar que a sua dedicação a ele e ao seu sofrimento lhe despertaria uma tal aversão? Para ela, aquelas horas tinham sido momentos de missão sagrada, de vocação, de algo único — ele e ela juntos, um rapaz e uma rapariga no mundo, tentando minorar o sofrimento. Ele, o sofrimento da mãe, e ela, o dele. Durante meses sentiu que aquela era a casa dela, ao lado da cama da mulher enferma, de alma nobre,

que aquela era a sua verdadeira família. Não a mãe exigente, severa, viúva de guerra que dava pouco e esperava muito, não os irmãos gémeos que nasceram quatro anos e meio depois dela e enchiam a casa de confusão. Não, ela pertencia a eles — à mulher delicada que sofria em silêncio e ao filho único que lhe era tão dedicado. Mas se se tivesse associado menos à dor deles, se tivesse mantido uma certa distância, não teria sido abandonada, pelo que rapidamente aprendeu que o abandono extremo é o outro rosto da dedicação extrema.

Num dia do início do verão fora ao hospital depois da escola, levando na mala uma maçã verde e um *Chocapic* para ele e, antes de entrar no quarto, viu através da cortina o crânio calvo a oscilar de um lado e para o outro, numa espécie de revolta agressiva que nunca vira antes, e Eytan veio ter com ela, pálido, dizendo «volta mais tarde, Iris, agora não é conveniente», e ela ficou paralisada na entrada da sala, sabendo que nunca mais voltaria àquele lugar, mas incapaz de se afastar.

Logo a seguir viu três enfermeiras correrem para o quarto, ouviu um grito terrível, animalesco, que não conseguia imaginar que viesse da garganta da mais delicada das mulheres. Com um temor sagrado acompanhou o que estava a acontecer do outro lado da divisória, como perante uma revelação divina, uma visão mágica sobrenatural, daquelas que se estudam nas aulas de Bíblia, a sarça-ardente, a dádiva da Tora, até que uma das enfermeiras lhe fechou a porta na cara, e ela afastou-se a tremer e sentou-se num banco à entrada do edifício, naquela terra de ninguém entre o mundo dos doentes e o dosãos, comeu com pequenas dentadas a maçã que trouxera para ele, até que a noite caiu e Eytan saiu de ombros curvados, os olhos postos nos mosaicos toscos da entrada, nada admirado de a encontrar ali, e começaram a andar devagar, tal como fizeram

no dia seguinte atrás do cadáver dela embrulhado num lençol branco, como se ambos tivessem ficado órfãos.

Caminhou igualmente ao lado dele durante os sete dias de luto, sua mulher de dezassete anos, recebendo os que vinham dar condolências, incluindo a sua mãe e os irmãos. À noite fazia festas nas costas dele até ele adormecer e de manhã levantava-se antes dele e preparava a casa para mais um dia de luto, e era assim que via o seu futuro, um luto sem fim, como aquela apaziguante, dolorosa e, por momentos, feliz agitação da semana de luto que os fundia um no outro e fazia crescer juntos, como duas mudas plantadas no mesmo vaso, numa única cama.

Foi um segundo nascimento, uma segunda orfandade, ela escolhera voltar a nascer e a ficar órfã ao lado dele, de modo a ser sua mãe, irmã, mulher e mãe dos seus filhos, porque o seu corpo jovem ardia de desejo de lhe dar uma filha bebé à qual poria o nome da mãe dele, e à noite, quando ele soluçava a dormir, ela sentia o crânio careca da mãe brotar entre as suas pernas. Só ela podia fazê-la reviver, identificá-la, só ela podia consolá-lo, mas quando terminaram os dias de luto, encontrou-se não apenas órfã, não apenas viúva, mas igualmente espoliada de todos os seus sonhos.

Juntou tudo o que tinha na casa dele em dois grandes sacos do lixo e, sem olhar para trás, caminhou resolutamente para a paragem de autocarros. Subiu na carreira certa e desceu na paragem certa, chegou a casa e meteu-se na cama vestida, com os sacos ao lado, e ficou ali deitada com os olhos fechados e secos até a mãe chegar. Não respondeu às perguntas dela porque não as ouviu, e também não respondeu aos seus apelos para se levantar, comer ou tomar duche. Olhos secos, o corpo paralisado na mesma posição durante dias seguidos. «Em tempos estive paralisada de tristeza», disse a Miki um pouco antes de se casarem, «fiquei imóvel durante várias semanas, mas agora estou bem e não vai voltar».

Miki queria obviamente saber mais, mas ela desiludiu-o nisso também. Só a mãe falava de vez em quando, revelando este ou aquele pormenor, e de nada serviam os olhares furiosos que cravava nela. «Sim, tive um desgosto, mas quem não teve um desgosto de amor aos dezassete anos?» Concluía desvalorizando a recordação, mesmo para si própria, concentrando-se mais na traição da mãe do que na coisa em si. E o que era a coisa em si?, perguntava a si própria de vez em quando. Que quase morrera de desgosto de amor? Mas o que era mais surpreendente, a doença ou a cura? O facto de ter finalmente conseguido escolher reviver, renascer una e só num vazio que aos poucos se encheu?

Quando a filha cresceu e se tornou adolescente acompanhou com inquietação a vida amorosa dela, temia um desgosto semelhante, mas Alma limitara-se até ao momento a relações breves, sem problemas, o que também não deixava de ser motivo de preocupação, embora não na mesma medida, e de qualquer modo não partilhava com ela, o filho parecia sereno e tranquilo com a rapariga que vestia as cuecas dele, e tudo levava a crer que aquele horror não voltaria a repetir-se a curto prazo e que ela podia deixar de vigiar o jovem casal que crescia à sua frente. Entretanto, a dor atenuou-se um pouco, deixando o seu corpo em estado de choque. Sente que ela a observa à distância, deixando-a levantar-se devagar do sofá e sentar-se diante do computador como todas as noites para redigir a sua comunicação semanal, para além das mensagens e instruções, das questões e das respostas. Sobre o que o que é que vai escrever esta noite? E se tentasse insuflar alguma energia nas últimas semanas do ano, entre o Dia da Memória²

² Dia da Memória pelos soldados caídos por Israel e pelas vítimas do terrorismo. Feriado nacional de Israel que precede a comemoração do Dia da Independência.

e a festa de Shavuot³, período fatigado depois da maior parte do ano escolar, mas ainda antes do fim, um período bem mais crucial do que parece, porque se algo ainda pode mudar é então que mudará, na tensão entre a memória e a renovação.

³ Lit. «Semanas» ou Pentecostes. Festa judaica que se comemora sete semanas depois de Pessach, a Páscoa judaica. Festa das colheitas, comemora a dádiva da Tora no monte Sinai.

CAPÍTULO III

Há anos que não via aquela hora no relógio: três e quarenta da manhã. Uma hora insuportável. Há anos que vela pelo seu sono como se a sua vida dele dependesse. Às dez da noite já começa os preparativos do final do dia. «Espera um pouco, que pressa é essa?», resmunga Miki de vez em quando em frente da televisão, «vai começar aquele filme que a Dafna e o Gidi aconselharam», ou, «esta série é bestial, vais gostar dela», e às vezes não diz nada, mas limita-se a acompanhar a sua saída com um olhar amargo.

«Preciso de dormir, amanhã tenho um dia muito cheio, tenho uma reunião logo de manhã», declara ela, mas mesmo quando não há reunião é sempre a primeira a chegar à escola. Verão e inverno fica de pé ao lado do portão de entrada a receber os alunos que chegam, saúda-os, lembra-se dos nomes deles, troca algumas palavras com os pais. Mas ele não se deixa impressionar, «não és a única que trabalha muito, sabes. Nem a única que se levanta cedo».

«Lamento, Miki, estou estafada, os olhos fecham-se-me», murmura e desvia-se do braço que procura detê-la. Não é apenas o facto de ir deitar-se cedo que o irrita, ela sabe, mas sobretudo a decisão que tomou, quando Alma saiu de casa há alguns meses, de transformar o quarto vago da filha no seu quarto de dormir. «Não é nenhum manifesto, Miki», dissera, tentando apaziguá-lo.

«É simplesmente mais cómodo para mim dormir sozinha. Dormir acompanhado é um costume primitivo, incomodamo-nos um ao outro, até há estudos sobre isso. Aliás, tu detestas que eu te acorde quando ressonas!» Sim, ele esperava que ela aceitasse o seu ressonar com amor, e não que fugisse para a cama de corpo e meio de Alma e lhe fechasse a porta na cara.

«Não é contra ti, mas por mim. Afinal de contas trata-se apenas de dormir, e não tem nada a ver com a intimidade», repetia-lhe ao ouvido, realmente convencida de que não tinha nada a ver, porque havia de ter? Será que se faz amor a dormir, que se têm conversas íntimas a dormir, e de qualquer maneira sempre que Alma vier ela libertará o quarto e voltará para a cama de casal. Mas quem havia de pensar que Alma viria tão poucas vezes, uma vez por mês se tanto, e que os objetos pousados em cima da cómoda ao lado da cama de casal fariam do quarto vago o seu domicílio fixo. O creme para os olhos, o copo de água, as meias — tinha os pés sempre frios —, o creme de mãos, um livro ou dois, aos poucos os objetos multiplicaram-se, até que na sua última visita Alma exclamara: «Bonito, mãe, agora ocupas o quarto todo! Queres que eu durma com o paizinho em vez de ti?»

Ela agarrou logo nos objetos e voltou a pô-los no seu lugar, e já decidira interiormente que não havia solução, voltaria a dormir com Miki, mas infelizmente deu-se conta de que o que a incomodava antes a incomodava agora muito mais, depois de se ter habituado a estar livre da presença do outro, e depois de uma noite ao lado dele em que não pregou olho, deu consigo a esperar impacientemente que a filha libertasse a cama e se fosse embora, que voltasse para o apartamento partilhado que eles tinham arrendado para ela em Telavive, o que de facto aconteceu à noite, e de tão cansada que estava não conseguiu ter com ela uma conversa séria nesse fim de semana, ouvir um pouco mais o que ela fazia

e quais os seus planos, embora o mais provável era que a filha conseguisse esquivar-se à conversa mesmo com uma mãe muito mais desperta, pois para além de servir à noite num restaurante do sul da cidade e de dormir de dia, não fazia nada nem tinha planos para fazer.

Como é que eles tinham engendrado uma filha assim, sem a menor ambição, sem qualquer objetivo? Desde miúda que não se fixava em nenhuma atividade, não se interessava por nada, ficava sentada à frente da televisão ou do espelho durante horas, vá-se lá saber o que era pior. Desde sempre vira os pais trabalharem muito e não aprendera nada. Mesmo que conseguisse falar com ela no fim de semana, a filha decerto faria pouco dela, «tudo na maior, mãezinha, sossega, eu não sou uma aluna da tua escola, ou melhor, uma soldada, porque para ti são todos soldadinhos».

«Então porque é que eles se inscrevem em massa, se é tão mau?», defendia-se imediatamente, reconstituindo agora em pormenor a conversa que não chegou a ter, mas que se assemelha tanto às que tiveram nos últimos anos, conversas interrompidas, retorcidas, que procuravam aproximar mas afastavam sempre, que tentavam esclarecer mas obscureciam ainda mais. Esperava ingenuamente que a filha se orgulhasse dela, que valorizasse a obra da sua vida, ter assumido a direção de uma escola problemática num bairro pobre e transformá-la na mais requisitada da cidade, e não que ela troçasse disso. «Deve ser boa para eles, mas não para mim», dizia Alma, olhando-a de baixo para cima com ar de desafio. Como é que tinham engendrado uma filha tão baixa? Todas as filhas das suas amigas tinham atingido a altura das mães e só Alma continuou baixa, apesar de os dois serem altos.

Nos primeiros anos quase não comia, e de nada serviam as súplicas e as ameaças. Só em frente da televisão, quando estava distraída, conseguia por vezes dar-lhe de comer, enfiando-lhe

na boca uma garfada de omeleta, um quadrado de queijo amarelo, um pastel de vegetais, e a miúda movia distraidamente os maxilares, mastigava e engolia, até que como que despertava e recusava terminantemente.

Com que força batia o seu coração quando lhe enfiava disfarçadamente a comida na boca, era como se a filha estivesse na beira de um telhado alto e ela tivesse de se aproximar sorrateiramente por trás e agarrá-la antes que ela desse pela sua presença. Cada garfada de omeleta afastava-a um passo da queda. Como mãe jovem que era parecia-lhe que a magreza da filha era uma acusação e procurava lutar contra ela com todas as suas forças, até que Omer nasceu e a sua presença exigente consumia a tal ponto as suas forças que não conseguiu continuar com aquelas artimanhas, cuidados, tentativas, súplicas e ameaças, o que foi obviamente melhor para todos, como prova a sobrevivência da menina. Deve ter comido o suficiente para sobreviver e na adolescência até desenvolveu um apetite saudável, enquanto todas as amigas sofriam com as dietas, mas já era tarde para crescer em altura, de modo que ficou baixa e magra, parecia ter doze anos, mas de uma beleza de parar a respiração, com os grandes olhos da cor das uvas pretas, o cabelo comprido e liso, e a combinação de um corpo infantil com um olhar adulto, sedutor.

Sabe-se lá quem é que ela seduzia de facto. Certamente não os pais, pois todas as suas perguntas eram terminantemente rejeitadas. Desde que fora viver para Telavive eles tinham perdido qualquer possibilidade de controlo e de informação, ficando completamente à mercê da sua magra generosidade. De vez em quando deixava escapar alguma mísera informação — e qualquer tentativa para a aprofundar falhava — sobre alguma festa em que estivera, alguma das empregadas do bar com quem fizera amizade, mas se eles tentassem agarrar-se àquela informação para

se aproximarem dela, no encontro seguinte ou numa conversa telefónica no decorrer da semana, ela negava tudo o que dissera, como se o tivesse inventado.

«Ela está a castigar-nos», dizia a Miki de vez em quando e ele encolhia os ombros, «por que carga de água, que motivo tem ela para nos castigar?». Podia fazer uma lista, mas que sentido tinha isso — Omer que lhe roubara toda a atenção, e depois sabes bem o quê, aquele ano terrível, a hospitalização, as operações, a convalescença, um ano inteiro em que a mãe a custo funcionava. Quando estava em casa dependia totalmente deles, mas passava a maior parte do tempo nos hospitais, por causa das fraturas na bacia, dos buracos nas pernas e dos estilhaços no peito, da necessidade de estabilizar a bacia com placas, de pôr talas nas fraturas das pernas, de fazer enxertos de pele, alguns sítios tinham perdido a sensibilidade, outros tornaram-se hipersensíveis, teve de reaprender a andar e a sentar-se, de fazer o desmame dos analgésicos, do pavor de sair de casa, do pânico do ruído do motor do autocarro a sair da paragem.

Quando retomou a sua vida encontrou outra menina, fechada e quase hostil, agarrada ao pai, que lhe lançava olhares acusadores. Nos estudos também fazia o mínimo obrigatório, tal qual como à mesa de jantar, provava a conta-gotas, sem curiosidade, apenas para passar. E ela? Acabara de ser nomeada para a direção da escola, regressara à vida sequiosa, mais ocupada do que nunca, talvez não tenha dado atenção suficiente à filha. Omer sempre soubera exigir o que lhe era devido, mas Alma, como o pai, era daquelas pessoas que se desiludem rapidamente, ambos acompanharam a sua convalescença e a cura com uma dedicação mecânica, simultaneamente desesperada e fria, e diante deles sentia por vezes como se aqueles minutos em que pairara no ar a tivessem atirado à velocidade do som para outra terra, de onde nunca poderia voltar.

Miki entrava de vez em quando no quarto onde ela esteve confinada à cama durante longos meses, trazendo nas mãos um prato com um cozinhado esquisito, um copo de chá já meio frio, e perguntava como se sentia, do que precisava, mas mesmo nas raras vezes em que ela pedia a sua presença, «vem sentar-te ao pé de mim um momento, conta-me o que se passa», parecia-lhe que aquilo estava acima das forças dele. É natural que estivesse esgotado, exausto de tratar dela e das crianças, para além do trabalho, mas ela achava-o frio como o chá que lhe servia e esquisito como os cozinhados, e tinha a impressão de que o seu olhar evitara o dela durante meses, como se se sentisse culpado do que lhe acontecera.

Por vezes chegava a rir daquilo. Tinham-se mudado há menos de um ano para aquele apartamento com elevador, de que Miki era tão entusiasta. «Para que precisamos nós de um elevador aos trinta e cinco anos?», perguntava ela, porque preferia outro apartamento, com vista para o Mar Morto e um grande terraço, que achava incomparavelmente melhor, mas ele, que sempre pretendia ter visão, declarara, «é impossível saber o que pode acontecer, o elevador é sempre útil», o que em breve se verificou ser mais do que justo, quando ela foi ferida, e a levou a brincar com a previsão dele, dizendo que ele seria provavelmente mais útil nos serviços de segurança do que em *high-tech*.

Mas ele nunca achou graça, e agora às três e quarenta ou um pouco mais tarde — ela não ousa olhar novamente para o relógio — quando a dor a impede de adormecer, dá consigo a reconstituir todos os momentos daquela manhã, interrogando-se uma vez mais sobre as incríveis coincidências de tempo e espaço que conduzem às maiores catástrofes, bem como aos milagres mais empolgantes.

Lembra-se de que na noite anterior Miki ficara no trabalho até tarde, ela já estava a dormir quando ele voltou, e quando

acordou de manhã ele já estava vestido e disse que estava com pressa, que tinham ligado do escritório. Naquela época estava muito menos em casa do que agora. Justamente quando as crianças mais precisavam dele a sua presença era mais rara, e agora que tanto faz, volta cedo, joga xadrez no computador durante horas e depois estende-se com um suspiro no sofá diante da televisão. Mas de manhã estava sempre com ela, naquela época também, ajudava-a com as crianças, ou seja, com Omer, que estava na primeira classe, e se queixava de sofrer lá tanto que a custo conseguiam fazê-lo sair de casa. Fechava-se na casa de banho e nem as ameaças, as promessas, as cadernetas ou os autocolantes ajudavam.

Justamente naquela manhã Omer estava relativamente feliz. Lembra-se dele aos saltos em cima da cama de casal, quando Miki já estava vestido e ela acabara de acordar. Uma manhã clara de início de verão e até ligeiramente fresca. Miki vestia o velho blusão leve cor de mostarda de que ela não gostava e de que ele recusava desfazer-se, Omer cantava a plenos pulmões e não os deixava ouvirem-se um ao outro. «Os meninos de seis anos e os de sete desenham no pipi e no cocó», berrava e, como sempre, conseguiu criar tensão e nervos.

«Já vais sair?», perguntara surpreendida, «ainda ninguém está pronto, ainda não são sete», e Omer gritara, «eu já tenho sete anos, esqueceste que eu já tenho sete anos?». Miki dissera, «ligaram do trabalho, o sistema foi abaixo, tenho de repará-lo», ela admirou-se mais uma vez, «a esta hora?». Como se fosse no meio da noite, e ele dissera, «cala-te, Omer», embora nesse momento o miúdo até estivesse em silêncio, e desatou imediatamente num berreiro que descambou numa cantiga irritante, «papá chichi, papá cocó, fala comigo como um totó», obrigando-a a intervir, «já chega, Omer, não te permito que fales assim!»,

e Miki, com a sua indecisão, já tinha começado a abrir o blusão, «deixa lá, não importa, fico contigo e levo-os como habitualmente».

A escola deles ficava no caminho dele e não no dela, e de qualquer maneira ela estava então de sabática a terminar o mestrado, e gostava de tomar duche calmamente e de beber o café depois de todos desaparecerem, mas viu pela expressão dele que era importante, que a avaria no sistema o preocupava, e decidiu renunciar a uma manhã de tranquilidade por ele, para o recompensar por outra coisa, muito maior, pela qual sentia sempre um pouco de pena dele, e alguma culpa, e que a tornava furiosa contra ele e por vezes contra si própria.

Erguera-se na cama de frente para as portas de espelho do armário. Estava branca e com ar cansado, e tinha o cabelo negro desgrenhado. Arranjara um pouco o cabelo e olhara para o seu perfil, preocupada. Omer já deixara o quarto e aparentemente começara a armar confusão no quarto de Alma, porque se ouviram logo os gritos bem conhecidos dela, «pira-te já daqui! Pai! Mãe!», e então saltou da cama e quando passou por ele, disse «vai lá reparar o teu sistema, eu cá me arranjo com eles», ele puxou o fecho do blusão para cima e para baixo, avançando e recuando, e o ligeiro movimento dos seus dedos no fecho-éclair assinou a sentença que até aí pairava entre ela e ele, e entre dezenas de outras casas nas quais as pessoas se preparavam para a sua rotina quotidiana, lavavam o corpo que viria a ser enterrado, se baixavam para calçar sapatos nos pés que daí a precisamente uma hora seriam amputados, passavam creme pela pele que viria a arder, se separavam à pressa de um filho que não veriam mais, mudavam a fralda de um bebé que tinha apenas mais uma hora de vida, e tal como eles, ela vestiu uma blusa de riscas larga e calças de ganga, prendeu descuidadamente o cabelo porque voltaria para casa em breve, prometeu a Omer fazer pizza para o almoço se

ele saísse rapidamente do esconderijo, preparou as sanduíches que meteu na mochila deles e, antes de sair, ainda teve tempo de fazer um rabo de cavalo especialmente bonito para Alma. No carro ouviram o final do noticiário das oito, Alma gritou que estava novamente atrasada por causa dele, mas menos de dez minutos depois estavam no portão da escola, e ela acelerou na subida com uma sensação agradável de libertação e ultrapassou um autocarro que parara na paragem.

Porquê aquela sensação de libertação, pensa ela agora, o que houve ali que lhe causou um alívio súbito, segundos antes que a sua vida se desmoronasse? Será que se pode atribuir uma tal importância àquele momento em que ela disse que ele podia ir embora? Porque agora lhe parece que aquela foi uma manhã especial, uma manhã de viragem, só agora se dá conta, e foi talvez por essa razão que teimou em ultrapassar o autocarro que já tinha feito sinal de que ia sair da paragem, mas ela não desistiu, colou-se a ele e até buzinou, em total contradição com a sua condução habitualmente paciente, e a sua buzínadela foi abafada pela explosão.

Ele tinha pressa e eu limitei-me a dizer-lhe que podia ir. Que significado se pode atribuir a isso? Retrospectivamente todos os pormenores parecem cruciais, mas as coisas devem ser analisadas na sua simplicidade, no seu tempo real, despojadas das vestes que o futuro lhes costurou, vira-se na cama com esforço, serve-se das mãos para içar a bacia, lembra-se de novo de quão doloroso pode ser aquele movimento tão simples. Para sua surpresa ouvi barulho na cozinha, e depois água a correr no WC. Não é o ritmo rápido de Omer, deve ser Miki, é estranho que ele também não tenha adormecido. Já são cinco da manhã, como vai conseguir passar o dia, horas após horas, e sussurra, «Miki? És tu que estás aí?».

«Chamaste-me?», diz ele abrindo a porta e espreitando para dentro do quarto, o crânio rapado parece por momentos suspenso no ar, lembrando-lhe a cabeça careca da mãe doente, e fica horrorizada, o que é que lhe está a acontecer hoje, o que é que lhe acontece esta noite, aquilo não pode continuar. Tudo por causa dele, para que precisava de lhe recordar, como se se tratasse de um aniversário de nascimento ou de casamento, Omer tinha razão quando disse é tudo por causa do pai.

«O que é que se passa?», pergunta ele com meiguice, «porque não dormes?». «Tenho muitas dores», responde ela, «traz-me mais um comprimido», e ele volta da cozinha com uma caixa de comprimidos. «Esvaziaste a gaveta», assinala ele, «não estarás a exagerar com esses medicamentos?».

«Que remédio?», resmunga quando ele se senta na cama e diz, «aparentemente sim, ouvi dizer que há progressos no que respeita à dor, tens de averiguar. Há o *laser*, injeções de cortisona, uma série de métodos. Porque não pedes uma consulta da dor?».

«Consulta da dor? Já?», diz ela surpreendida. Ele está sempre em avanço, como com o elevador. Ela pensara apenas na manhã seguinte, nunca lhe passara pela cabeça que a dor se prolongasse durante dias e semanas. «Então tu achas que vai durar muito tempo?», pergunta com um suspiro. «Que desespero, já aprendi a levar-te a sério, depois de teres previsto o atentado.»

«Previ mesmo», diz ele com um risinho amargo, «ainda bem que não dizes que realizei». Ela engole o comprimido e procura endireitar-se, encostando-se à almofada grande, uma prenda dos amigos de Alma quando ela se alistara. «Porque tinhas tanta pressa? Em geral, quando vocês trabalham até tarde, não saem tão cedo», e ele responde imediatamente, como se aquele pensamento também o tivesse despertado no meio da noite, «não te lembras? Houve um problema, o sistema foi abaixo».

«É estranho», nota ela, «nunca aconteceu antes nem depois, e de qualquer modo nunca àquela hora», e ele, «basta, Iris, não abramos essa ferida, sabes como isso me atormenta. Se tivesse sido eu a levar as crianças teria sido atingido em vez de ti, e o mais provável é que nada me teria acontecido, porque teríamos saído uns minutos mais cedo. Tudo teria sido diferente se não estivesse com pressa naquela manhã. Talvez tivéssemos tido mais um filho, ou nos tivéssemos separado pura e simplesmente».

«Separado?», surpreende-se e ele diz, «sim, talvez me tivesses deixado, sempre achaste que merecias alguém melhor. Mas depois de eu tratar de ti tão bem, já não eras capaz de fazer uma coisa dessas», ela olha com espanto para a cabeça rapada, que misterioso é o cérebro do outro, mais misterioso ainda que o futuro. «De que é que estás a falar?», diz ela. «Não trataste de mim assim tão bem, nada disso! A comida era horrível, estavas sempre a evitar-me, tinhas um comportamento estranho. Se tivesse querido separar-me de ti, não teria havido problema nenhum, mas se calhar eras tu quem queria separar-se e já não eras capaz? Diz lá», enquanto a cabeça grande dele se aproxima dela, «qual foi precisamente o problema no tal sistema?».

«E o que é que não está bem no teu sistema?», diz ele a rir, tentando beijá-la, «já me tinha esquecido do teu aspeto à noite, desde que me abandonaste sozinho na cama», e ela procura afastá-lo, «não mudes de assunto, Miki, o que é que era tão urgente? Porque voltaste no meio da noite, ou mesmo de manhã? Porque não chamaram outro para reparar o sistema?» e ele protesta, «o que se passa contigo? Porque é que te lembraste disso de repente? Já passaram dez anos, Iris, há muito que isso ficou para trás de nós!».

«Dói-me como se tivesse acontecido ontem», queixa-se ela e ele sussurra, «mostra-me onde», diz levantando a camisa de

noite até à cintura e inclinando-se por cima dela, o bafo ardente sobre a sua pele marcada, e debaixo da pele as placas de platina, os enxertos de osso, os fios e os parafusos, os estilhaços que ficaram dentro do corpo todos chocalham recusando o seu contacto e ela dá um grito mais alto do que queria, «não me toques, Miki, dói-me!».

«Boa, encontraste a desculpa perfeita! E se admitisses que nunca te sentiste atraída por mim?», murmura e retira as mãos, pausa-as nos joelhos e fica a olhar para elas sabe-se lá porquê, mas ela bufa furiosa, «não posso acreditar no que estou a ouvir, o que é que te deu hoje? Achas que é a altura para me pedires contas?», e ele diz, «quem está a pedir contas és tu, tornou-se assim tão urgente saber o que causou a avaria no sistema? Estás a fazer-me um inquérito como se eu tivesse pressa para ir ter com uma amante?».

«Nunca tal me passou pela cabeça», declara ela numa voz cava, «de que é que estás a falar? O que queres de mim agora?», e ele resmunga, «não muito, de facto, apenas um pouco de amor, de calor humano, para sentir que tenho uma mulher em casa», e ela diz «estou farta da tua autocomiseração, não é de ti que se trata agora, mas de mim, tenho dores e a única coisa que me propões é sexo? Porque é que não se pode receber alguma empatia sem sexo?».

«Nunca conseguirei entender-te», protesta ele, agarrando a cabeça, «há sempre algo de errado! Ou te queixas de que te evito, ou de que me aproximo demais!», mas ela já começara a sentir a velha paixão por ele, «é apenas uma questão de momento, Miki, não se trata de normas de comportamento, umas vezes queremos proximidade e outras precisamos de distância, há cem anos que estamos juntos, não me digas que não percebes isso».


«Claro que percebo, senhora diretora, mas infelizmente tu queres cada vez menos proximidade», resmunga, e ela corrige, «há muitas espécies de proximidade, é pena que só conheças uma», ele endireita-se com um suspiro, no seu tronco nu a luz da manhã reflete-se em listas finas, como que envolto em pele de zebra, «e há muitas espécies de distância», diz ele, «é pena que só conheças uma. Bom dia».

**«Pergunta-se se naquela casa vivem
pessoas reais, porque subitamente
lhe parece vazia e lhe falta o principal.»**

Iris, 45 anos de idade, casada e com dois filhos, julga ter superado os dois grandes traumas do seu passado: o abandono por parte de Eitan, o seu primeiro amor, que quase a levou ao suicídio, e o atentado terrorista de que foi vítima. Contudo, à distância de dez anos, ainda resultado desse último e terrível episódio, a dor física de Iris regressa subitamente, ao mesmo tempo que esta reencontra Eitan por acaso. Juntando a estes dois acontecimentos a suspeita de adultério de Michi, o seu marido, e a preocupação pela filha adolescente, envolvida com um homem casado, o frágil equilíbrio que Iris construiu parece estar à beira de colapsar. Pessoal, íntimo e tocante, *Dor* é a exposição das feridas abertas de uma sociedade e uma viagem catártica através do sofrimento, do passado e da luta para viver plenamente o presente.

**«A escrita de Shalev é livre, sensual
e impetuosa, quase levada ao excesso.»**

Corriere della Sera

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-989-8804-35-2  9 789898 864352 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	